

N.º 2


# REVISTA DO NORTE

RECIFE, 20 DE MARÇO DE 1891

## Contribuições para a historia do Direito

PRIMEIROS MOMENTOS DA EVOLUÇÃO ETHICO-JURIDICA:—O SELVAGEM

(Continuação)

 Estas considerações sobre a successão hereditaria e testamentaria nos levam naturalmente a indagar as relações familiares neste estado da civilisação que agora nos prende a attenção. Antes, porém, de fazel-o, direi alguma cousa sobre as instituições judiciaes e a penalidade.

Na Australia, diz Grey que o criminoso é punido permittindo-se ao offendido que lhe fustigue o corpo á lançadas, e sendo indicada a parte do corpo que tem de ser martyrisada e prescripto o limite maximo do castigo. Si o executor se exaltar á ponto de applicar mais alguns golpes ou de ferir em logar não indicado, soffrerá a mesma pena.

Mas qual é o conceito do criminoso no pensar dos selvagens? Certo não é o mesmo que temos hoje nós os povos civilisados. O criminoso, para elles, não é o que mata nem o que rouba, mas simplesmente aquelle que viola o costume. Assim é que a ambição suprema do Vitiano, segundo observa Williams, é tornar-se um facinora por todos conhecido e temido; assim é que uns, como certos americanos do norte, acham honroso e louvavel o as-assinato dos estrangeiros, e outros, como os Barolongos, só temem commetter um acto criminoso si a possibilidade da vingança lhes apparece clara e manifesta. Creio mesmo que esses dois factores — o medo da vindicta privada e a necessidade de respeitar de alguma sorte a vida

dos companheiros para ser mantida a existencia da tribu — são de grande importancia para a transformação e diminuição do elemento perturbador do crime. Darwin reflectiou com muita razão que, si o assassinato fosse habitual entre os selvagens, (1) nenhuma tribu poderia subsistir, e que desse facto nascia a distincção egoistica relativamente á certas acções licitas fóra das fronteiras da tribu e reprimidas dentro de seu perimetro.

Falando de penalidade entre selvagens não se pode deixar de lembrar a anthropophagia judiciaria commum a muitos povos. Um antigo codigo dos Battas, por exemplo, condemna a serem comidos: 1.º os adulteros; 2.º os que se prevalecem da noite para roubar; 3.º os prisioneiros de guerra; 4.º os culpados de endogamia; 5.º os que atacam á traição uma aldeia ou uma pessoa. “Quem commetter um desses crimes comparece diante do tribunal competente. Ouvidas as testemunhas, a sentença é pronunciada e depois os juizes bebem um copo de licor, cerimonia que equivale á assignatura do julgamento. Deixam que passem dois ou tres dias para que o povo tenha tempo de se reunir; e, no caso de adulterio, a sentença só se executa quando todos os parentes da mulher estão promptos para tomar parte no festim. Emfim, no dia marcado, o preso é conduzido para o logar da reunião e ligado a uma arvore ou a um poste, com as mãos cruzadas. O marido se aproxima e escolhe o pedaço que lhe apraz, em geral as orelhas; depois os outros convivas, uns apoz os outros, vêm se servir conforme sua posição e seu gosto.

Concluido o festim, o marido corta a cabeça do condemnado, condul-a para a casa em triumpho, colloca-a deante de sua casa e deposita n'um bocal o cerebello que tem, segundo os indigenas, virtudes magicas. Nos intestinos não se toca, mas o coração, as plantas dos pés e as palmas da mão são disputadas como pedaços appetitosos. A carne do criminoso é comida ora assada, ora crúa, mas sempre no mesmo logar. La têm os convivas limões, sal e pimenta para tempero, algumas vezes arroz, porém nunca licor nem vinho de palmeira; somente alguns trazem bambus ôcos por meio dos quaes aspiram o sangue do supplicado. Só os homens assistem a esta scena de canibalismo, porque a carne humana é prohibida ás mulheres (2).

---

(1) Spencer (Sociologia) com uma grande copia de factos, nos demonstra, por outro lado, que nem todos os povos selvagens correspondem a esse typo de ferocidade e desbragada rapina, que muitos phantasiaram.

(2) Hovelacque—op. cit.—p. 274.

Não póde causar admiração á pessoa alguma que muitos factos considerados criminosos segundo a opinião dominante na actualidade, fossem não sómente licitos, mas até ordenados na sociedade selvagem. Nestas condições estão o aborto e o infanticidio usado em grande escala pelos papuas, tasmanios, payaguaes e por quazi todos os selvagens, quando sentem a necessidade de restringir o crescimento da população. O assassinato dos velhos e doentes, os homicidios a proposito dos funeraes dos chefes são factos geralmente conhecidos como de pratica usual e permittida entre selvagens.

O furto, o latrocinio não é uma acção ignominiosa. A propriedade primitiva parece mesmo ter-se baseado, em parte, nesse elemento actualmente injuridico. *Prædium*, em latim se relaciona com *præda* e *prædare*. Os Egypcios que já não eram selvagens reconheciam a profissão do salteador como licita e que podia ser desempenhada sob a vigilancia e inspecção do Estado. *Egyptis omnia furta licita et impunita*, diz-nos Aulo Gellio. Nota-se porém que muitos selvagens, como, por exemplo os esquimóes são honestos em suas transações reciprocas, porém, não em suas transações com os estrangeiros (3). E nisto não eram excedidos pelos gaulezes e germanos que, segundo referem Cezar e Tacito, procediam do mesmo modo.

O verdadeiro crime, entre os selvagens, são as infracções dos usos estabelecidos, como já ficou dito.

“ Assim, na Australia, os velhos e os chefes têm o direito de saborear a carne do emú. Si acontece a um mancebo honesto, cedendo á tentação, matar e comer um desses animaes, é assaltado pelos remorsos, cahe n’uma profunda melancholia e pede para ser punido” (4). Eis um crime, porque é uma violação do costume, e o costume é a manifestação unica possivel do direito entre os povos selvagens. Mas como os costumes poderiam, apesar da natureza essencialmente conservadora do homem, vir a perder a força e o imperio sobre os espiritos, cedo surge a religião para perpetual-os e sagral-os, transformando-os em preceitos seus.

Na Oceania, é um crime, *tabu*, o facto innocente de um soldado tocar no corpo de seu chefe, é um crime para a mulher pousar a mão

---

(3) E’ que ainda não attingiram áquelle periodo de civilisação em que o desenvolvimento mercantil impõe o respeito aos bens e á pessoa do estrangeiro, que tam eruditamente nos descreve Ihering em sua *Hospitalidade no passado* (trad. port. Recife, 1891).

(4) Lombroso—L’homme criminel, trad. de Regnier et Bournet, Paris, 1887, pag. 71.

sobre as armas guerreiras de seu marido ou de qualquer outro homem, é ainda um crime para a mulher entrar n'uma piroga pertencente a um homem, assim como para ella e para o homem são delictos mercedores da pena ultima falarem dos padres, trocarem seus nomes pelos de quaesquer animaes, sahirem da choça por occasião da morte do chefe, antes do sacrificio humano e até o comer a carne do porco branco (5).

-----

Passemos a considerar as relações e, consequentemente o direito de familia.

Está fora de contestação que o hetairismo, a promiscuidade de mulheres foi a phase inicial das relações de familia, muito embora certos animaes inferiores sejam rigorosamente monogamos, muito embora certos povos selvagens tenham desconhecido essas modalidades da união sexual. Mas os factos predominantes, confirmados alem disso pelas tradições religiosas de Babylonia e da Grecia, põem fora de questão este ponto.

Em um tal momento da evolução social o parentesco é um vinculo natural, mas fragilissimo, que se rompe ainda na puericia do filho, só pode prender os parentes a tribu pelo lado feminino (agnação) e não é fonte originaria de direitos (6). A condição da mulher é tristissima. Para que serve ella? "Para que se encarregue de me preparar a lenha, a agua e os alimentos e para carregar o que possuo responde um jovem australiano."

Lubbock admite com Mac Lennan e Bachosfen o estado primitivo da communhão, aliás não absoluta, das mulheres, e opina que os homens se elevaram dessa condição de pura animalidade para o casamento individual pela permissão, concedida ou tolerada, aos guerreiros de se considerarem senhores unicos e absolutos das mulheres que capturavam em suas correrias pelos territorios inimigos (7).

-----

(5) Lombroso—*op. cit.* pag. 75.

(6) Morgan nos diz que, em hawaiano, a palavra *kaikee-kana* significa filho, sobrinho em qualquer grão e primo em primeiro; são relações que se não distinguem; *waken* designa a mulher, a cunhada e a concunhada; *kana* tanto é o nome para significar o marido como o esposo da irmã e o irmão do marido. A filiação é, nestas condições, um laço que liga o individuo ao grupo e não é seus paes.

(7) Não acredita, porém, o illustre escriptor citado que essa razão seja unica. Elle convém em que o desenvolvimento das affeições, as comodidades do arranjo domestico, a vontade da mulher e mais que tudo isso a fraqueza dos filhos nascidos sob esse regimen, contribuíram para a individualisação do casamento.

Estabelecido o casamento individual, que póde tanto ser a monogamia quanto a polygamia, sendo certo aliás que a primeira destas formas de junção sexual é pouco commum nos povos selvagens, estabelecido o casamento individual, dizia, o marido foi o senhor. Foi o senhor, por direito de conquista, quando capturou duas mulheres na guerra ou em expedições menos ruidosas pelas tribus vizinhas, e foi senhor quando a tomou na propria tribu. E' para firmar sua auctoridade seu poder marital que o australiano derreia a paulada, e arrasta pelos cabellos através dos bosques a mulher que vae tomar para esposa. E' para ostentar seu imperio e sua força que, em Bali, os barbaros amantes vão espreitar as jovens, que vagabundeiam pelos campos, e logo que as avistam irrompem sobre ellas, violam-nas e vão-se em vertiginosa carreira carregando as infelizes de rastos, os cabellos esparsos, os vestidos em trapos.

Esses tempos de estúpida grosseria passam, mas sempre a força acompanha a celebração e a continuação do casamento, ainda que seja simbolicamente e por simulacros que fazem suspeitar uma violencia prompta a se exhibir, quando a oportunidade se mostrar sob a apparencia da menor contrariedade. E tam fundas raizes creou esse costume que os povos civilizados ainda o conservam, no poder marital juridicamente mantido com latitude maior ou menor, segundo a indole dos individuos.

O casamento por captura, que foi evidentemente a origem juridica desse poder, foi em outros tempos e ainda é hoje no seio das populações atrazadas um facto assombrosamente generalizado. Nós vemos-lo em execução em quasi todos os povos, ora em realidade ora por ficção, e como cerimonia indispensavel ao acto da vinculação dos conjuges. O costume que tinham os romanos de erguerem a noiva para transpor, o limiar da casa nupcial é uma reminiscencia da captura. Mas não eram os romanos os unicos a por em pratica essa usança, pois que na China, no Canada e na Abyssinia, os ethnographos encontraram ceremonias analogas, e Lubbock encherça nesse periodo chamado da *lua de mel* em que os recém-casados se segregam da vista e do affago dos parentes, um apagado vestigio da captura.

Do casamento por captura, que originou a endogamia, e que foi em geral polygynico passou o homem á monogamia, que se tornou a forma definitiva da união dos sexos, a mais propria á disciplinar os impulsos desordenados da virilidade e a mais consentanea com o desenvolvimento mental e emocional da humanidade. A polyandria,

apezar da opinião contraria de Mac Lennan e Morgam, não pode deixar de ser considerada como um phenomeno excepcional proveniente da escassez das mulheres sacrificadas no nascedouro pelo uso generalisado do infanticidio.

A filiação e o parentesco são concebidos por formas diversas nas varias phases de modo de organizar as relações sexuaes. Quando as mulheres eram communs, já o disse, o filho não tinha pae nem mãe, pertencia á tribu. Os laços entre o pae e o filho são ainda muito frageis no periodo da polygamia. Em compensação os maternas apertam-se e avigoram-se. Então o filho é exclusivamente parente da mãe, a linha masculina ascendente não entra em consideração. O herdeiro do homem não é seu filho, é seu sobrinho o filho de sua irmã. Herodoto, Polybio e Tacito nos falam desse costume existindo entre os Lycios, Locrios e Germanos.

CLOVIS BEVILAQUA.



## POBRES CRIANÇAS !

( ESCRIPTO DE UM LIVRO INEDITO )

*Nos Estados Unidos e em toda a Europa, que é de onde nos veem as reformas, é hoje uma questão vencida que o methodo de Fræbel deve dirigir a primeira educação da infancia. A muito irracional e antiga escola primaria vae, por toda parte, cedendo o passo ás formosas instituições dos Kinder-garden.*

GAMA ROSA.



empre que eu olho, com o olhar interior da minha reflexão, para uma dessas casas de physionomia apagada e suja em que se destaca, n'um cimo de porta, uma taboleta com a inscripção *escola publica*, assedia-me o cerebro uma revoada enorme de pensamentos acabrunhadores, e veem-me á memoria, n'um impeto de revolta, os bellos e pensados versos com que Junqueiro apostrophou, ou antes azorragou, as escolas portuguezas.

A instituição é, de facto a mesma, no Brasil e em Portugal. — Uma sala pequena e pouco arejada, escura e quente, com arabescos de pó e teias de aranha na cal livida das paredes, onde cinco a seis

duzias de bancos de amarello se juxtapõem sem arte em frente á meza desornada do professor, e onde das nove ás duas horas do dia, o dito professor tortura pequenos cerebros na faina da soletração e leitura cantaroladas — quando essa faina não é incumbida a *decuriões* imbecis — ao mesmo tempo que enverga as espinhas e as mãos das crianças nos mais ineptos exercicios graphics; — eis aqui o que é o nosso regimen escolar.

*Antro da estupidez, inquisição da infancia!* dá-me vontade de exclaimar com o poeta!

Observemos de mais perto o quadro desolador: Dentro da sala descripta estão algumas dezenas de crianças franzinas, pallidas, accusando nos rostinhos magros uma degenerescencia physiologica. Assentadas, ou antes, apertadas umas contra outras, veem chegar a hora da aula como quem sente a approximação de um supplicio.

Como aquellas pequeninas almas anemicas mostram-se sem estimulo e sem conforto! Seus paes — a gente da classe media — resolveram um dia mandal-as para ali (disseram-lhes) afim de castigal-as das suas travessuras que se iam tornando cada vez mais frequentes e incommodativas. Assim, ellas, as pobres creaturinhas, de 6, 7 annos quando muito, sahidas apenas da primeira phase vegeto-sensitiva da vida, não possuem a mais pequena noção da necessidade da escola, da utilidade dos livros que lhes mettem nas mãos,

Em casa mataram-lhes o desenvolvimento do corpo prohibindo-lhes que corressem, que brincassem ruidosamente, que saltassem no quintal, offegantes, sob a limpidez crua do sol; na aula vão esmagar-lhes estupidamente os rebentos do espirito com uma disciplina mental obcecante, asphyxiadora, errada. O mestre completa a obra inepta dos paes.

Estes e aquelle sujeitam os homens de amanhã a uma educação incompleta, manca e atrazadissima.

Si tomo para gradimetro do ensino entre nós dando ás crianças a divisão de Herbert Spencer, (1) vejo que é tristemente negativo o resultado educacionista a que se chega nas escolas brasileiras.

*Educação physica* é cousa de que nem cogitam paes e professores. Parece que á sabedoria dos legisladores e estadistas indigenas repugnam os organismos fortes, cheios de seiva e de energia.

---

(1) O chefe da escola evolucionista ingleza divide a educação em *physica*, *moral* e *intellectual*.

Olhae para aquelles meninos que entôam n'uma melopéa deploravel a taboada exigida para base dos seus estudos arithmeticos : observai-lhes a molleza, a flaccidez doentia dos tecidos, o rachitismo dos musculos. Direis um batalhão de cacheticos em marcha para o tumulo, ao som de um hymno funebre.

Quanto á *educação moral* — aquella que fórma os sentimentos e o character, que faz os artistas e os puros — não me consta que ella tenha deixado, alguma vez, de ser um mytho, em nossos estabelecimentos escolares. De resto, os paes de familia entendem que ella póde ser dada nas aulas como um appendice do curso das *primeiras lettras*, e os professores pensam que se desempenham dessa incumbencia ensinando ás crianças o *catecismo*.

Aqui é força confessar que o defeito não está no regimen escolar, — está na ignorancia ou desleixo dos paes, inconscientes, na quasi totalidade, da sua nobre missão de educadores domesticos.

A *educação intellectual*, em que já toquei de passagem e que é a que propriamente incumbe ao professorado instituido pelos poderes publicos, — essa é simplesmente isto : Um methodo absolutamente irracional para o conhecimento e decoraçào dos caracteres graphicos; um estiolamento completo da intelligencia dos discipulos para só se lhes aproveitar e cultivar a memoria; um vezo funestissimo de contrariar a evoluçào natural do espirito das crianças sobrecarregando-lhes a retentiva desde que ellas começam a ler, com umas régras abstruzas de grammatica ; leituras repetidas, e geralmente *cantadas*, de livros *pulhas* que dão aos educandos uma intuição completamente falsa de tudo que os cerca ; emfim — uma verdadeira martyrisaçào mental, advogada pela serula !

.....

E quando eu vejo, com o olhar interior da minha reflexào, todas essas cousas desoladoras, cabe sobre mim um desalento profundo, uma tristeza infinita.

E' que eu reconheço quão difficil se torna a regeneraçào da patria, assim, com essa educaçào dada ás gerações mais novas. E' que ao passo que eu vejo imperar em meu paiz a rotina pedagogica, cheia de anachronismos e de erros, vejo além, na America do Norte e em grande parte da Europa, operar-se uma grande revoluçào educacionista que prepara para os povos desses logares proles de gigantes, de verdadeiros homens modernos. E' que, finalmente,



emquanto lá nessas terras felizes, uma comprehensão positiva e bôa da educação dá á infancia os *Kinder garden*, o ensino mixto e maternal, as *lessons on objects*, o methodo de Pestalozzi acomodado ao presente, o methodo do Froebel e outras novas creações magnificas; — nós, os brasileiros, não conhecemos, no assumpto vertente, as fecundas theorias de Augusto Comte, não lemos Bourdet nem Robin, (2) não estudamos Spencer e Bain, não temos nenhuma noção moderna do que venham a ser Educação e Instrucção, e permittimos que se ensine hoje pelos mesmíssimos processos que já em 1500 punham em pratica os nossos avós portuguezes!

Pobres de nós, que assim nos revelamos indignos do nosso tempo, mas, sobretudo, pobres de vós, criancinhas a quem preparamos um futuro igual ao nosso presente!

IZIDORÓ MARTINS JUNIOR.

## O MEU ALBUM

**N**inha *psyché* navega sobre o oceano das edades e vê cousas extraordinarias: moléculas constituindo nebulosas; nebulosas se transformando em sóes; sóes organisando mundos; erupções volcanicas levantando montanhas e cavando vales; chuvas cahindo sobre vales e formando vastos oceanos; algas, cryptomas, phanerozomas e todas as plantas, sem flores e sem fructos, fazendo a primeira apparição da vida; animaes inferiores, como o Amphioxus, sem membros, sem cerebro, sem coração, elevando-se por transformações successivas até o homem; o homem primitivo, o habitante das cavernas de Moustier, de Cro-Magnon, da Laugeria, defendendo-se contra as grandes especies felinas, pachidermicas e chelonianas, inventando o machado, o arco, a flecha e todos aquelles instrumentos, todas aquellas armas, que são

(2) A bella obra de Eug. Bourdet *Principes d'education positive* traz um admiravel prefacio de Ch. Robin, que só por si vale um curso completo de pedagogia.

os primeiros elementos de civilização; a civilização caminhando do Egypto para a Assyria, da Assyria para a Phenicia, da Phenicia para a Grecia, da Grecia para Roma, e de Roma espalhando-se por todo o Occidente; enfim a sciencia humana descobrindo a bussola, o vapor o telegrapho, subjugando as forças da natureza, a luz, o magnetismo, a electricidade.

A minha *psyché*, porem, se olha para o futuro, não descobre senão formas vagas e indecisas e então sob um ceu azul, bordado de flores luminosas, sente-se invadida pelo desanimo e pela tristeza, como se tudo a abandonasse, a deixasse só.

Nem falem-me na crença de um progresso indefinido.

Esta erença faz acreditar que o homem marcha; porém não diz para onde elle vai.

Mais ainda: não está provado que o progresso seja a lei do destino humano em todas as suas relações.

Além de intelligencia o homem é sentimento e o sentimento desenvolve-se pela poesia e pelas artes.

Entretanto, a poesia estacionou com os grandes poemas da antiguidade, com o *Ramayana*, com a *Illiada*, com a *Odyssea*.

A idade media com o d'espreso do corpo humano matou a esculptura grega; a architectura decahiu logo que o homem se reconheceu como uma parte infima desse grande todo, que se chama universo; a pintura tocou ao seu pleno desenvolvimento na Renascença.

Todas as artes parecem extinguir-se como arvores que não têm mais seiva, como velhos cujas veias ossificadas não contêm mais o sangue necessario á vida.

Depois, faça-se o inventario das conquistas da humanidade e ver-se-á que os beneficios da civilização são illusorios ou caramente pagos.

Para conquistar o direito de existencia o homem teve de lutar contra o tigre ante-diluviano, contra o rhinocero fossil, contra o urso das cavernas; porem o que vale o direito de existencia em face da peste, da fome e da guerra?

Tambem o amor com que se tem pretendido encher o vasio deixado no coração do homem pela duvida religiosa, poderá trazer o progresso, sob todas as suas formas, menos o progresso do bem estar geral, porque o coração quanto mais ama, mais sente o vazio se abrir e se engrandecer em suas entranhas como um voraz abysmo.

O amor é ao mesmo tempo victima e carrasco: não inspira langurosos idyllios senão para provocar sanguinolentas luttas, que matam, que aniquilam a alma.

.....

A fadiga do corpo e o esgotamento do espirito obrigaram-me a fugir para o campo.

Estou a muitas leguas da cidade, sob um céu de anil, respirando um ar que fortalece os musculos e purifica os sentimentos.

Aqui as arvores são cidades cantantes: centenas de ninhos pendem dos ramos, e milhares de passaros formam uma orchestra de uma maravilhosa infinidade de tons.

N'este bello canto da natureza tudo respira poesia e provoca lyrismo, até mesmo um cão, que faz tudo o que advinha no olhar do senhor, mas que não apanha a caça, que este mata.

.....

Sei que li, mas ja não me recordo se em algum livro, sorriso ou lagrimas, que a melhor prova de nobreza d'alma é sympathia para todas aspirações á luz e ao ideal.

Entendo que se deveria antes dizer: tolerancia para todos os erros, complacencia para todas as futilidades.

ARTHUR ORLANDO.

—◆◆◆—  
**LEX**



flor se inclina na haste. O sol, o absoluto  
soberano sidereo, envia-lhe calor.  
e quando o tempo passa amarellece a flor  
e a petala que cae cede lugar ao fructo.

Depois que o fructo cresce arredondado e, cêdo,  
fende-se á luz solar que racha a casca á meio  
cae na terra a semente, a terra lhe abre o seio  
e rebenta de novo o ôlho do arvoredado.

Tambem dos genios mana a ideia e medra e cresce,  
e no espaço e no tempo em meio ás mesmas crises  
passa por tão fieis e eguaes transformações

que até na occasião de germinar parece  
ver-se irromper da terra onde implantou raizes  
a ideia genial movendo as multidões.

FERNANDO DE CASTRO.

---

## AQUARELLA



Uma nesga de céo, curva e lavada  
Pela chuva de sol que molha o poente,  
Cobre ao longe serena, ethereamente,  
A linha do horizonte opalejada.

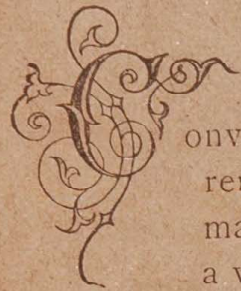
Sobre o segundo plano, uma ondulada  
Planicie vê-se. E a um canto a veridente  
Cabelleira de uma arvore potente  
Tinge de verde a vastidão doirada.

Morre a planicie ao pé de uma montanha...  
E a montanha parece um obelisco  
De terra-cota e de estructura estranha,

Emquanto em baixo o caprichoso risco  
De uma caza de ogivas lembra a Hespanha  
E as linhas nobres de um solar mourisco.

IZIDORO MARTINS JUNIOR.

## CONCEITO MORAL



Convicção minha é que esta geração de brasileiros está irremediavelmente perdida. E tal perdição — transitoria mas sem remedio — não cifra-se em sua nullidade para a vida politica, ou economica, ou moral. Eu temo até que ella só pôde figurar como parcella negativa, deleteria; e, si produz alguma acção junta aos poucos elementos que temos para a criação do futuro, é contra elles.

Está perdida, imprestavel, e faz-se preciso removel-a dos calculos e dos planos de reconstrucção da Patria.

Obra triplice da centralização, da escravidão e do fanatismo—que estatuiram n'este pedaço uberrimo do occidente durante 4 seculos uma selecção de accaso e invalida mas hereditaria e colheram fatalmente para a raça dos eleitos o monopolio ruinoso da terra, do capital e do trabalho: pilares principaes de qualquer sociedade humana!

De resto, á uma nação assim, grande mas heterogenea, senhora do solo mais fertil do mundo porem originada do que havia de mais fraco nas tres raças do planeta, deixaram sem religião, sem costumes sem instrucção e litteralmente sem organização de familia.

Herança da barbarie. da precipitação e da incuria !

Uma geração tal— fructo de longo e insoluto passado,—é incapaz de aproveitar um acontecimento como o da Restauração hollandeza, ou o da Independencia, ou o de 7 de Abril, ou o de 15 de Novembro, porque ella não tem opinião, move-se inconscientemente ;— é incapaz de accrescentar a riqueza publica ou de conserval-a porque ella não tem valia, nem credito, nem techuica pessoas para o trabalho livre e scientifico; — é incapaz de desaffrontar-se de um ultraje internacional, como o do bill Aberdeen, porque ella só sente energias e valor para provocal-o. Só é susceptivel: de deixar-se illudir pelo explorador politico, que ella gerou espontaneamente, expoliar pelo especulador financeiro, de que ella necessita para lhe facilitar o credito, e assistir impavida e cynica ao seu estrangulamento territorial, ao derramamento inutil do seu sangue e a ruina publica pela bancarrota,—occasionaes ou não, em todo caso imminentes perigos actuaes.

Opto por essa occasionalidade e estimo poder fazer esta opção. Mas acho tão sem remedio e tão sem paradeiro a perdição da actual geração dominante de brasileiros, — que mal aprendeu a destruir !

—que nem julgo que um Pedro Grande ou um Washington pudesse salvar-a e reerguel-a profecticiamente neste momento porque julgo-a incapaz (nos limites da especie) de se deixar mover e arrastar em peso por um espirito creador que obedecesse a um plano politico, economico e moral, perfeitamente nacional, isto é em que coubesse a nação toda.

Este sonho já se me desvaneceu.

Tudo se desmorona ao mais leve sopro produzindo um abalo e uma perturbação nunca vistos. Pode-se contar duzias, dezenas, centenas de brasileiros, empenhados á esta hora na obra do desmoronamento; não ha porem um só obreiro em todó o paiz que tenha começado a tarefa gloriosa e consciente de edificar.

Para garantir o futuro da nova Patria só ha um remedio á lançar mão e applicar já e já com esperança de exito longinquo : abandonada a geração actual — maior porem incapaz — á vertigem de seu destino de decadencia, é empregar todo o empenho immediato em isolar as gerações vindouras.

E o maior e melhor isolador immediato de que podemos dispôr é o da Instrucção Nacional. Nisto é que consiste a unica reforma civil do momento.

A obliteração, entretanto, do senso publico é tão grande e tão profunda no Brazil que este vocabulo não só não merece a valia em que é tido pelos Estados Unidos ou pela Suissa, como até eu temo que mesmo á aquelles que pensam um pouco no futuro do paiz elle desperte a mesma fé da panacéa de Paracelso.

O remedio, porem, é este e é o unico. As gerações novas e vindouras necessitam ser afastadas do *meio* de confusão e descaramento e atrazo que a centralisação, a escravidão e o fanatismo geraram para a actual. Reclamar, pois, instrucção aos poderes publicos, eis o grande dever do brasileiro.

No desenvolvimento particular de tão importante reforma civil baste-me reproduzir *ipsis verbis* o que já escrevi em documento que corre impresso :

—“ Instituido em massa o ensino popular nas escolas primarias  
“ e secundarias, o superior nas Academias e Universidades, o tecnico das bellas artes e das artes necessarias nos lyceus e nos laboratorios, o industrial e o manufactureiro em colonias e em tendas,  
“ e o militar para os corpos de terra e mar; cabe ao jornal e ao livro  
“ e ao mestre o triplo papel de eliminadores do proletarismo e da  
“ vagabundagem, — de creadores d'essa litteratura que nos falta,

“ dessa religião e costumes que não possuímos, dessa sciencia que  
“ mal importamos em segunda e terceira via, dessa milicia e magis-  
“ tratura pratrioticas que nos hão de guardar e zelar as instituições,  
“ — e finalmente de preparadores desse homem resoluto e esperan-  
“ çoso, senhor do solo e de si mesmo, proprietario e cidadão, que já  
“ faz na Russia e na União Americana a gloria do genero humano.”

N'esta região porém, tão fertil de bons fructos entre quasi todos os povos occidentaes, é digna de ser observada, quer em quantidade, quer em qualidade, quer em methodo e modos, a natureza da acção publica que a cultiva; porque é perfeitamente a mesma da acção geral empenhada na cultura de regiões parallelas: diminuir, confundir, anarchisar, desmoronar, são os instrumentos unicos de que ella se serve n'esta região.

Quadra — para prova! — apanhar esta acção, no presente momento que diz-se o mais avançado da nossa historia, em Pernambuco mesmo que é um dos Estados mais ricos da União Brasileira.

O leitor me desculpe particularisar, mas faz-se preciso. Eu não quero apontar e classificar a *qualidade* pessima do ensino que se distribuia e se distribue em todas as escolas, em todos os collegios e em todos os estabelecimentos de ordem superior ou inferior, publicos ou particulares; nem necessito desvendar tal acção deleteria esforçando-se de todos os modos por *metamorphosear* em viveiros de proselytos e eleitores o Collegio das Artes, o Gymnasio, a Escola Normal e a propria Academia de Direito; tambem não quero uzar o argumento do lucro cessante que acarreta a ausencia absoluta da verdadeira aprendizagem artistica, industrial, fabril e militar;— baste-me raciocinar defronte da *quantidade numerica* das escolas publicas primarias que a geração actual paga no estado de Pernambuco para ensinar á seus descendentes o Alfabeto, a Calligraphia, a Doutrina e as 4 operações rudimentares do calculo.

Tambem isto basta para provar a allegação toda.

“ Segundo a opinião dos competentes ( disse o sabio solitario da Escada) a proporção regular entre o numero de habitantes de um paiz e o das pessoas que devem frequentar as escolas é de 12 a 15%.”

Sendo de 1,200:000 almas a população deste Estado, segue-se que devê ser de 144,000 á 180,000 o numero da frequencia ou pelo menos da matricula dos alumnos.

E desde que cada escola pode quando muito comportar equilibradamente 50 discipulos, devia ser de 2,880 á 3,600 o numero das escolas publicas existentes em Pernambuco.

Entretanto pelo ultimo Relatório da Repartição competente se vê que a este Estado cabe somente a esmola de 484 escolas publicas primarias, com 22,314 alumnos matriculados, dos quaes só frequentam 15,521 !

Estes algarismos descobrem a chaga toda, mas não toda a sua hediondez.

Pois alem de tudo mais, alem do envenenamento e do desvirtuamento do ensino, ao envez de augmentar o numero das escolas e provel-as de um magisterio titulado ou pelo menos provadamente apto, a administração publica de Pernambuco desde longos annos que só se occupa em dissolver isso que se pode chamar o serviço da instrucção por meio de extincções e creações instaveis e irregulares de cadeiras centraes, remoções de professores, nomeações de não diplomados, notadamente inhabeis, com preterição dos titulados por Escolas proprias para este fim, — tudo sem plano ou tudo feito sob o influxo de conveniencias egoistas e de occasião.

Corre até entre nós — cumulo de incuria ! — que o magisterio do interior tem procurado quasi todo localisar se na Capital, e tem conseguido em grande parte o seu intento.

Não póde ser peor a natureza da acção publica em qualquer das regiões onde appareça.

Si não fosse caso julgado a obliteração do senso em toda a escala, por igual em governados e governantes, vinha á pello aconselhar ao poder publico que tomasse mais á serio a instrucção nacional e levantasse-a desse descredito.

Ella é o melhor isolador que podemos edificar entre a geração actual e as vindouras !

E é num paiz destes que ha quasi 30 annos que se cobre com a fama de Dictador e tyranno a memoria de Lopez, e com a de selvagens fanaticos a dos seus heroicos compatriotas. Entretanto o Presidente electivo da activa e honesta republica do Paraguay, na mesma hora em que declarou a guerra ao Brazil, mantinha dentro de seu pequeno paiz mais de 500 escolas primarias e, na Europa, uma centena de estudantes, pensionistas do Estado, matriculados em quasi todas as universidades celebres de França, de Inglaterra e da Allemanha (1).

FERNANDO DE CASTRO.

(1) La politique du Paraguay; par Claude de la Poëpe. Paris. 1869.